



Crônica - A Literatura no Jornalismo¹

Camile Brufatto FORNASIER²
Roberta SARTORI³

Escola Superior de Propaganda e Marketing, Porto Alegre, RS

RESUMO

O presente trabalho é um estudo sobre as diferenças entre os gêneros jornalísticos informativo e opinativo, mais especificamente entre a reportagem e a crônica. Após apresentar as características de cada formato, foram analisadas uma reportagem e uma crônica – que tratam do mesmo tema. Finalmente, foram feitas comparações dos dois textos, nas quais foram explicadas as características, diferenças e similaridades desses formatos do jornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: gênero informativo; gênero opinativo; crônica; reportagem.

INTRODUÇÃO

Receita de bolo, isso é o que era colocado nos jornais, principalmente na época da ditadura militar, quando determinada matéria era censurada. Ao longo dos anos, entretanto, os veículos foram crescendo, tornando-se independentes e populares, a leitura começou a ser praticada diariamente pelo leitor – hoje em dia, muita gente tem o hábito de ler o jornal enquanto tomam o café da manhã ou ao iniciar o expediente de trabalho. Com isso, o jornal começou a ousar e produzir textos menos tradicionais, foram inseridas diversas seções de interesse do público - como entretenimento, esportes e saúde – e a receita de bolo passou a ser publicada na seção Gastronomia, como é o caso do jornal Zero Hora, que tem ali um local específico para isso.

Contudo, embora a imparcialidade seja o foco do jornalismo, a opinião é importante e, por isso, dentro dessas mudanças foram inseridos, também, textos de opinião, nos quais a mesma é, muitas vezes, sutil e despercebida se não lido com atenção. A crônica, especificamente, é um exemplo dessa mudança, a qual deixa um espaço para o autor do texto expressar sua opinião sobre determinado tema que está na circulando na mídia.

¹ Trabalho submetido na Categoria Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 30 de maio a 01 de junho de 2013.

² Estudante do 4º semestre do Curso de Jornalismo da ESPM-Sul, email: camilefornasier@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da ESPM-Sul, email: rsartori@espm.br



O jornalismo, que por muito tempo prezou pelo uso essencial da notícia e da reportagem – ambos característicos do gênero informativo –, hoje, cada vez mais adota outros gêneros e formatos de texto. Um caso, considerado por Melo (2010) tipicamente brasileiro é o da inserção da literatura no jornal – um espaço para a expressão de opiniões. Ou seja, além do editorial, outro local para que o jornalista possa expressar a sua opinião.

O presente trabalho tem como objetivo mostrar como um mesmo assunto pode ser abordado em diferentes gêneros e formatos. Irá analisar um fato veiculado através de uma reportagem – representando o gênero informativo -, e através de uma crônica - representando o gênero opinativo. A proposta é verificar em que aspectos esse mesmo tema pode aparecer em diferentes formatos sem que o fato retratado não perca sua identidade.

Para tanto, o trabalho será dividido em três etapas. Na primeira, será feito um estudo do gênero informativo e de um de seus formatos, a saber, a reportagem. Na segunda seção, será estudado o gênero opinativo e um de seus formatos, a saber, a crônica. Por fim, um mesmo assunto será analisado em dois textos veiculados através de uma crônica e de uma reportagem.

Gêneros Jornalísticos

Nesta seção serão apresentados os gêneros jornalísticos definidos por José Marques de Melo (1985). Segundo Melo, os gêneros são divididos em cinco grupos: informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário.

Os gêneros são formas de funcionamento da língua que construímos e atualizamos na forma de texto, é toda e qualquer manifestação concreta do discurso produzida pelo sujeito em uma dada esfera social do uso da linguagem. São fenômenos contextualmente situados, (re) conhecidos por nós empiricamente. Ou seja, sabemos o que é uma carta, um bilhete, uma piada etc. (SILVA, 1997, p. 105).



É possível identificar vários tipos de gêneros jornalísticos durante o dia. O jornal, por exemplo, é de conteúdo informativo e também opinativo, como se pode observar nos textos de colunistas e comentaristas. O leitor, ao deparar-se com um texto, sabe diferenciar, através das pistas linguísticas, a qual gênero jornalístico o mesmo pertence, ou seja, é comum saber se no texto lido há opinião ou não. Esse leitor pode, algumas vezes, identificar nos textos de jornais, por exemplo, para que time o escritor torce – se o tema for futebol. Isso acontece, normalmente, por causa dos termos que o autor utiliza para escrever.

Segundo Harro (2000, p. 92, apud ALVES, 2010, p. 44) “o gênero é uma convenção social, para as formas fixas das mensagens jornalísticas que ordenam o que é apresentado diariamente ao leitor”. Dessa forma, é possível perceber que os formatos de cada gênero têm características que lhes são próprias e que os identificam.

Apesar de Melo (1994) dividir os gêneros jornalísticos em cinco partes, neste trabalho serão abordados apenas dois, a saber, o jornalismo informativo e o opinativo. Pode-se perceber que grande parte do conteúdo jornalístico que se encontra em jornais, revistas e televisão, por exemplo, faz parte de ambos os gêneros.

Gênero Informativo e a Reportagem

Segundo Alves (2010, p. 48) o jornalismo informativo se resume na “reprodução do real”. É o gênero mais comum e, provavelmente, o mais fácil de encontrar. Pode ser identificado cada vez que um repórter escreve uma matéria. Ele tem que ser um jornalista imparcial – ou seja, que não pode opinar sobre os fatos – contando-os na notícia exatamente como ocorreu.

As características desse mesmo tipo de jornalismo são, segundo Lage (2001), a imparcialidade – não há a opinião do escritor -, a veracidade – tudo o que é escrito tem que ser verdadeira, não se pode inventar fatos - e a objetividade – o texto deve ser direto, sem “enrolar” o leitor. O jornalista não pode opinar, tem que contar a verdade e, ainda, ser objetivo. O leitor, provavelmente, não quer saber a opinião do escritor, mas sim o que aconteceu.



Segundo Melo (2006), os formatos que pertencem ao gênero informativo são: a nota, a notícia, a reportagem e a entrevista. O foco desse gênero do presente trabalho é a reportagem. Esse formato é uma espécie de notícia que aprofunda a abordagem de um fato ou tema.

Para Marques (2003, p.17) “a reportagem é o retrato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística”. O autor refere-se à reportagem como uma notícia mais aprofundada, na qual contém declarações, imagens e, principalmente, muitos detalhes que façam o leitor imaginar o cenário do texto.

A reportagem possui uma linguagem formal – sem gírias ou vícios de linguagem -, clara – deve ser compreendida por pessoas de qualquer classe social - e objetiva – escrita com poucas palavras, mas que explicam o fato. Esse formato é composto pela pirâmide invertida - a ordem dos fatos descritos vai do mais importante ao menos importante – e pelo lide jornalístico - responde às perguntas: O quê? Como? Quando? Onde? Por quê? Quem? (ver anexo A). A reportagem trata de acontecimentos de interesse do público e pode conter a opinião, somente, das pessoas que foram fonte para o texto. Tem que ser de fácil compreensão por todos os públicos – sendo o leitor um magnata, estudante ou porteiro - e deve conter detalhes do momento apreendido.

Gênero Opinativo e a Crônica

O gênero opinativo caracteriza-se por explicitar a opinião do autor no texto escrito. Para Alves (2010, p. 56, apud MELO; ASSIS, 2010) “no jornal, os gêneros habitualmente relacionados à categoria opinativa são claramente identificáveis e se encontram legitimados”. Para tanto, é possível saber que se está lendo um texto desse gênero ao deparar-se com a opinião do autor, o que não é permitido no jornalismo informativo. Fazem parte do gênero opinativo os formatos: editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta. O foco deste trabalho será o formato crônica.

Segundo Michelline (2005, p. 105) “a informação, de acordo com vários autores do jornalismo, possui caráter opinativo quando nela predomina o aspecto institucional, ou



seja, a visão ideológica da empresa sobre os assuntos em destaque”. A saber, é o espaço destinado, realmente, à opinião, sendo ela positiva ou negativa.

A crônica, cujo objetivo é envolver e emocionar quem a lê, narra fatos históricos e temas atuais. Esse formato não busca a exatidão das informações, mas sim as analisa, mostrando ao leitor um ponto de vista diferente e, geralmente, é publicado em jornais ou revistas e é destinado à leitura semanal ou diária.

Segundo Nery (2005), o leitor da crônica é urbano e é a preocupação com esse leitor que faz com que o cronista dê maior atenção aos problemas do modo de vida urbano, do mundo contemporâneo, dos pequenos acontecimentos do dia a dia. A autora também acredita que “a crônica é uma mistura de jornalismo e literatura. De um recebe a observação atenta da realidade cotidiana e do outro, a construção da linguagem, o jogo verbal”. A crônica possui um texto curto e leve, no qual a história começa quando o fato principal está por acontecer.

O importante é perceber que os gêneros, opinativos ou informativos, demonstram um certo limite na produção de enunciados lingüísticos, sem dar ao leitor amplas possibilidades de “compreender” o texto jornalístico. Isso não acontece com a crônica, porque ela não está presa às regras estabelecidas para a concepção das categorias do jornalismo contemporâneo (PEREIRA, 2004, p. 140).

Nery (2005) destaca também que se há um personagem – caso o tema da crônica seja uma anedota que aconteceu com o autor, por exemplo – ele não é descrito detalhadamente. Às vezes o protagonista é uma pessoa que possui um nome comum e não se sabe se esse indivíduo é homem, mulher, loiro, moreno, alto, magro, etc.

Conforme Cereja (2005), o narrador pode ser observador – em terceira pessoa, como alguém que presenciou a situação – ou personagem – em primeira pessoa, fez parte do momento a ser retratado. É possível escolher entre divertir, entreter, sensibilizar ou fazer com que o leitor reflita com a crônica.

O formato tem uma espécie de licença poética, a linguagem é informal – podendo conter gírias, palavras rebuscadas, palavrões -, o que não há em outros formatos e gêneros. Nesse espaço, o autor é livre de opinar, criticar, apoiar e persuadir. A



linguagem da crônica inclui ironia, humor, diferentes tipos verbais – os tempos verbais mudam conforme a situação - e artigos – conforme à quem o narrador quer referir-se.

Análise da Reportagem e da Crônica

Nesta seção serão apresentadas uma crônica e uma reportagem que tratam do mesmo tema. Posteriormente, será feita uma comparação entre ambas, cujo objetivo será mostrar que um mesmo assunto pode ser abordado em diferentes formatos dos gêneros jornalísticos informativo e opinativo e, ainda sim, ter o mesmo fim, ou seja, informar ao leitor.

Reportagem

A reportagem que será analisada foi publicada na Revista Veja e foi acessada no dia 26 de junho de 2012, no site do veículo. O texto é sobre a confissão de Xuxa, ao programa Fantástico, sobre ter sofrido abuso sexual até os 13 anos. A cantora afirmou que a violência sexual foi praticada por um professor e, também, conhecidos pela família.

1	Em entrevista, Xuxa diz que sofreu abuso sexual
2	Xuxa Meneghel, de 49 anos, revelou na noite deste domingo, em entrevista ao
3	Fantástico, que sofreu abusos sexuais na adolescência. Segundo a apresentadora, os
4	responsáveis pelo crime foram um melhor amigo de seu pai, o noivo de sua avó e um
5	professor. Os abusos terminaram quando Xuxa tinha 13 anos e para a apresentadora
6	podem estar relacionados com a sua dificuldade em encontrar um par ideal para
7	constituir uma família.
8	Durante a entrevista, Xuxa também falou sobre a sua vida amorosa. Ela lembrou a
9	época em que namorou Pelé e afirmou ter aprendido muito com o jogador. "Ele foi
10	uma pessoa muito importante para mim. Passamos seis anos juntos", disse. O grande
11	amor da apresentadora, contudo, foi o piloto Ayrton Senna, morto em um acidente em
12	1994. "Nos completávamos. Ele foi a única pessoa com quem pensei em casar",
13	afirmou. Um dia antes do acidente, Xuxa pensou em se declarar para a sua alma



14	gêmea, mas quando se deu conta já era tarde demais. "Eu sei que vamos nos encontrar
15	de novo", disse a apresentadora.
16	Ao longo da conversa, a artista ressaltou que nunca teve privacidade e que sempre seus
17	assistentes tinham de checar se não havia gente escondida sob a cama ou dentro dos
18	armários. "É o preço que eu pago", reconhece a apresentadora em relação aos
19	percalços da fama.
20	Xuxa revelou ainda que encontrou Michael Jackson e que chegou a conhecer
21	Neverland, o rancho onde vivia o cantor. Após uma visita, a artista afirmou ter
22	recebido uma ligação do empresário do astro pop perguntando se ela não teria
23	interesse em casar e ter filhos com ele. A resposta foi não. "Só fico com alguém
24	quando me apaixono", disse. A apresentadora contou também que o tempo é cruel com
25	quem trabalha na TV e destacou ser uma pessoa complicada para relacionamentos.
26	"Não estou procurando alguém, mas corre sangue nessas veias. Os hormônios é que
27	matam a gente", revela.
28	Foi ao falar sobre a sua infância, contudo, que a apresentadora mais se emocionou. Ela
29	contou que entende o conflito das crianças que sofrem abusos sexuais porque já viveu
30	isso na própria pele. A apresentadora disse que enfrentou o problema até os 13 anos e
31	que sentia vergonha da situação. "Achava que estava fazendo algo errado e que a culpa
32	era minha, já que os abusos aconteceram algumas vezes." Segundo Xuxa, os
33	criminosos eram um melhor amigo de seu pai, o noivo de sua avó e um professor do
34	colégio.
35	Para a apresentadora, os problemas na infância serviram como incentivo para que ela
36	ajudasse outras crianças vítimas de abusos sexuais. "Vivi o amor verdadeiro através da
37	minha mãe e das crianças", finalizou Xuxa. Mas não antes de ressaltar a importância
38	de Senna na sua vida: "Vivi o grande amor da minha vida e foi rápido, porque tudo
39	para ele era rápido demais".
40	*Escrito pela Revista Veja

O texto acima é uma reportagem clássica, com lead (linhas 2 a 7) e pirâmide invertida – responde às perguntas quem, o que, onde, quando, como e por que - (linhas 8 a 39). A linguagem é formal, não havendo nenhuma gíria ou vício de linguagem, e é objetiva, ou seja, em pouco mais de 30 linhas o autor relatou o que Xuxa falou durante cerca de 9 minutos. Essa reportagem contém citações da protagonista da história (linhas 9, 18, 23, 31 e 36) e não apresenta a opinião do autor, ou seja, é imparcial quanto ao tema.



Crônica

A crônica veiculada a seguir foi escrita por Bruno Astuto e publicada no site da Revista Época no dia 21 de maio de 2012. O formato trata sobre o mesmo tema que o texto analisado anteriormente – a declaração de Xuxa sobre o fato de ter sofrido abuso sexual até os 13 anos.

1	Sobre o depoimento de Xuxa
2	Li, com muita atenção, os comentários nas redes sociais sobre o depoimento dado por
3	Xuxa ontem ao Fantástico. Houve, na verdade, dois depoimentos: o primeiro, sobre
4	sua vida afetiva, teve os capítulos Pelé e Senna, mas, de fato, faltou falar do pai de sua
5	filha. Em ‘O que vi da vida’, nome do quadro do programa, talvez essa ausência tenha
6	falado mais alto do que se Xuxa houvesse citado Luciano Szafir.
7	O segundo depoimento, esse sim, fez o Brasil saltar da cadeira, seja para postar
8	desaforos seja para demonstrar emoção ante a revelação perturbadora, a de que ela foi
9	constantemente abusada em sua adolescência. Xuxa, o ícone da infância, a babá
10	eletrônica de toda uma geração — a minha incluída —, confessou ter sido vítima do
11	mais covarde dos crimes, que destrói os anos mais puros e lúdicos de um ser humano,
12	marcando-o para todo sempre.
13	A luta contra o abuso infantil é inglória; é o tipo de assunto que todo mundo quer jogar
14	para debaixo do tapete e que ocorre com uma constância impressionante. Os números
15	alarmantes – 52 mil denúncias no Disque 100, mantido pela Secretaria de Direitos
16	Humanos da Presidência da República, entre 2003 e março de 2011 — não chegam
17	aos pés da realidade. A maioria das crianças abusadas pelo pai (38% dos casos), pelo
18	padrasto (29%), pelo tio, pelos vizinhos e por desconhecidos tem medo de denunciá-
19	los e, quando o fazem, a família prefere abafar o escândalo — ou até mesmo é
20	conivente com a situação.
21	Ao contar em rede nacional o que passou, Xuxa sacudiu o Brasil e escancarou esse
22	tema oculto, esse tabu sobre o qual poucos têm coragem de se aprofundar.
23	Brincadeiras à parte nas redes sociais, todo mundo foi dormir ontem um pouco
24	refletindo sobre o assunto. Muita gente duvidou da veracidade do depoimento, como
25	se uma mulher, mãe e filha, gostasse de se expor para todo o país se colocando como
26	vítima de um crime medonho. Ora, ora: o que importou ali não foi o drama pessoal da
27	apresentadora, mas o drama coletivo que ela resolveu encarnar. E Xuxa se reinventou,



28	desencastelou-se dos tempos da Casa Rosada, desceu finalmente da nave. ETs são os
29	que não atinaram para isso.
30	Lembro-me de uma entrevista da Rainha Silvia da Suécia, que mantém uma ONG
31	contra a exploração infantil. Ela disse que, quando resolveu assumir essa causa, muita
32	gente tentou demovê-la da ideia, alegando que o tema era “muito pesado”. Pois ela
33	persistiu e o trabalho da Childhood, que tem um importante braço brasileiro, é
34	reconhecido em todo o planeta.
35	E tem mais: como já presidi uma entidade de crianças deficientes e tive uma irmã com
36	Síndrome de Down louca pela Xuxa, posso dizer de cadeira como ela foi importante
37	nos anos 80 quando recebia diariamente em seu programa, misturando entre todas as
38	outras crianças, os portadores das mais diferentes síndromes. Foi uma atitude
39	libertadora e redentora para muitos pais e amigos dos excepcionais que sofreram e
40	ainda sofrem com o preconceito.
41	Esqueçam a Xuxa dos shortinhos, das botas brancas, dos tempos de modelo, do tal
42	filme do passado; existe outra, muito mais interessante, que está fazendo o barulho
43	certo na hora bem mais que tardia.
44	*Escrito por Bruno Astuto

A crônica acima começa em primeira pessoa (linha 2) e com a opinião do autor a respeito do tema em pauta (linhas 5 a 6). Nesse texto, o cronista relembra fatos (linhas 30 a 32), aconselha (linhas 41 a 43), critica (linhas 24 a 29), analisa (linhas 14 a 20) e utiliza uma linguagem bastante informal (linhas 7, 9, 10, 19, 21 e 26). Nessa crônica, o escritor escolheu sensibilizar as pessoas e fazê-las refletirem, apresentando dados sobre o tema estupro (linhas 14 a 18). O narrador é observador, ou seja, ele não estava lá no momento.

Discussão

A diferença de ambos os formatos é possível ser percebida logo no início. O primeiro texto inicia situando o autor sobre o fato ocorrido, explicada detalhadamente - em resumo, é constituído pelo lide (linhas 2 a 7), e também, pela pirâmide invertida (linhas 8 a 37). Já o segundo formato tem um caráter parcial (linhas 13 e 14), informal (linhas 27, 28 e 29), a pontuação pode ser considerada menos rígida – utiliza-se bastante os dois



pontos e ponto e vírgula - e, principalmente, é escrito em primeira pessoa (linhas 1, 30 e 35), o que de maneira alguma é permitido em reportagens tradicionais do gênero informativo.

Enquanto na reportagem, o autor conta, somente, o que ocorreu – no caso a declaração de Xuxa -, na crônica o jornalista relembra outras pessoas que têm a ver com o tema (linhas 30 a 34). Nesse mesmo formato do gênero opinativo, o autor é livre para relembra fatos que lhe ocorreram - sem muitos detalhes – (linhas 35 a 40), aconselhar (linhas 41 a 43), propor soluções e, obviamente, expor sua opinião – que normalmente consta no primeiro ou últimos parágrafos – (linhas 26, 27 e 28).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, que trata, respectivamente, de um estudo da crônica, mostrou como a declaração de Xuxa, sobre ter sofrido abusos sexuais durante a infância e adolescência, pode ser retratada em diferentes formatos, dos gêneros jornalísticos informativo e opinativo, sem perder o foco de informar ao leitor.

Foram analisados uma reportagem – do gênero informativo – e uma crônica – do gênero opinativo – tratando sobre o episódio de Xuxa. A reportagem apresentada apenas descreveu a declaração da apresentadora, enquanto na crônica o autor opinou e criticou, oferecendo outro ponto de vista ao leitor.

Entretanto, ambos os textos possuem uma linguagem fácil de ser compreendida por qualquer público, são curtos e objetivos, conseguiram contar o que ocorreu em poucas linhas e sem diminuir a qualidade da informação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASTUTO, Bruno. **Sobre o depoimento de Xuxa**. Disponível em:
<<http://colunas.revistaepoca.globo.com/brunoastuto/2012/05/21/sobre-o-depoimento-de-xuxa/>>. Acesso em: 25 maio 2012.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Texto e interpretação: uma proposta de produção textual a partir de gêneros e projetos**. 2. ed. São Paulo: Atual, 2005.



Em entrevista, Xuxa diz que sofreu abuso sexual. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/celebridades/em-entrevista-xuxa-diz-que-sofreu-abuso-sexual>>. Acesso em: 25 maio 2012.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia.** Florianópolis: Insular, 2001.

MARQUES, Luis Henrique. **Teoria e prática de redação para jornalismo impresso.** Bauru: EDUSC, 2003.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro.** 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. **Gêneros de comunicação massiva.** 2006

_____. **A Opinião no Jornalismo Brasileiro.** 1.ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

MICHELLINE, Érica. **A Crônica no Universo Jornalístico e Literário.** Disponível em: <http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_04/contemporanea_n04_10_EricaMiche.pdf> . Acesso em: 20 jun. 2012.

NERY, Alfredina. **Gênero entre jornalismo e literatura.** Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/portugues/cronica-genero-entre-jornalismo-e-literatura.jhtm>>. Acesso em: 8 set. 2012

PEREIRA, Wellington. **Crônica: a arte do útil e do fútil: ensaio sobre crônica no jornalismo impresso.** Salvador: Calandra, 2004.

RÊGO, Ana Regina Barros Leal; AMPHILO, Maria Isabel R. de Souza. **Gêneros Jornalísticos: – análise dos jornais “O Estado de São Paulo” e “Diário de São Paulo” -.** Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/8/82/GT4-_18_-_Generos_jornalisiticos-_maria_e_ana.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2012.

SILVA, Fernando Moreno da. **Gêneros jornalísticos para a prática em sala de aula.** Disponível em: <http://www.ueginhumas.com/revelli/revelli4/numero_2/revelli.v2.n2.art05.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2012.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. **Gênero discursivo e tipo textual.** In.: Scripta: Linguística e Filologia. Belo Horizonte: PUC-Minas, vol. 2, n 4, 1997.